



APRESENTAÇÃO

DOSSIÊ HENRI BERGSON

O presente volume da Revista Ideação abre espaço para a obra do filósofo francês Henri Bergson. Com um dossiê inteiramente dedicado à discussão de suas ideias, este volume brinda ao público leitor com o pensamento de um dos grandes filósofos da primeira metade do século XX cuja filosofia serviu de inspiração a diversos outros pensadores, alguns declarados outros nem tanto. Acompanhar o movimento das ideias bergsonianas é certamente tanto um aprendizado filosófico quanto científico, afinal, percorrer o fluxo de sua investigação põe o leitor em contato com a história da filosofia, mas também com a história das ciências.

Direciona-se enfim a este público o escrutínio bergsoniano, um que, não abrindo mão do rigor filosófico, deseja pôr em diálogo o melhor das duas tradições, quais sejam, a da filosofia e a da ciência. Lendo Bergson, acompanhando a trama de suas reflexões, é possível experimentar uma multiplicidade contínua de temas que se interligam, se conectam e dialogam muitas vezes de maneiras aparentemente improváveis. Eis a novidade radical que constitui a *duração*.

Neste volume da Ideação o leitor estará diante dessa multiplicidade qualitativa evidente na obra de Bergson, mas que é também a matéria do real em seu fazer-se. Eis aqui então uma mostra significativa da diversidade de temas abordados por Bergson ao longo de sua vida intelectual. Tendo iniciado sua investigação sobre o fundamento da vida interior como temporalidade, Bergson expande a duração para todas as esferas do real, sendo ela compreendida como a própria realidade. Suas ideias culminam na obra de 1932, *As duas fontes da moral e da religião*. O tema da moral e da religião parecem muito pertinentes em um período de guerra, mas trata-se ali também de *duração*. A obra de 1932 reúne um pouco de cada obra, as quais, agora temos certeza, estavam desde o início interligadas.

Abrimos então nosso dossiê com o artigo de Débora Morato Pinto concentrado no estudo d'*As duas fontes*, intitulado “Sobre a imanência da religião à natureza humana. Bergson, a duração e a dimensão vital da fabulação”. A autora aborda certa naturalização da religião presente no texto bergsoniano e sua função para a coesão social sustentada, sobretudo, pela função fabuladora. Em seguida, Luís António Umbelino nos apresenta no

texto “Maine de Biran e H. Bergson. Leituras contemporâneas de uma tese partilhada” as aproximações e distinções entre as ideias de ambos a partir da crítica à tese do paralelismo psicofisiológico. A obra de Biran foi uma grande influência para Bergson, como fica explícito no texto do prof. Umbelino, não obstante essa influência declarada resguarde interessantes distinções as quais serão precisamente destacadas no artigo.

Ainda no terreno das influências, Gilfranco Lucena dos Santos contribui nesta edição com o artigo “Raimundo Farias Brito e sua confrontação com Bergson: confluências e discrepâncias”, discussão que confirma o alcance do pensamento bergsoniano no início do século XX, tendo influenciado um dos primeiros filósofos brasileiros com o teor metafísico de sua reflexão. Eis uma oportunidade para também conhecermos melhor as ideias de Farias Brito, autor que, embora brasileiro, é quase sempre ignorado por aqui. Na sequência, Pablo Enrique Abraham Zunino apresenta em “Multiplicidade e subjetividade: a diferença entre eu profundo e eu superficial”, a relação entre multiplicidade e subjetividade a partir da investigação da primeira obra de Bergson, *O ensaio sobre os dados imediatos da consciência*.

Conduzindo nosso dossiê para o campo epistemológico, Fernando Monegalha, no artigo “Elementos para uma teoria do conhecimento em *Matéria e Memória*”, nos mostra a elaboração bergsoniana de uma teoria da percepção que culmina na ideia complexa dos “graus de duração” apresentada na obra de 1896. Abordando agora uma aproximação mais direta das ideias de Bergson com a Ciência, apresentamos o artigo intitulado “Sobre uma cosmologia bergsoniana”. Ali buscamos discutir certa passagem d’*A evolução criadora* que engendra uma espécie de cosmologia a qual, a nosso ver, embasa a proposta de recriação da metafísica presente naquela obra.

Na sequência, nosso conjunto de textos segue com a exposição de Adeilson Lobato Vilhena sobre “Bergson e o ‘bergsonismo’: uma breve reconstrução histórico-conceitual”, abordando um pouco mais da trajetória intelectual do filósofo. Em “O relógio, o cinematógrafo e o instante: Henri Bergson na virada do século”, Yves São Paulo nos convida a pensar o cinema como uma experiência de duração, não mais apenas como fragmentação da temporalidade, ressignificando assim a conhecida análise bergsoniana do mecanismo cinematográfico do pensamento.

Paulo Deimison Brito dos Santos, por sua vez, trará a discussão sobre “Riso e função social na filosofia de Bergson”, discutindo o que seria o germe de uma abordagem sociológica na obra do nosso filósofo. Tatiana Cristina dos Santos de Araújo traz as “Contribuições da intuição bergsoniana para o campo educacional: o caso das convicções pedagógicas”.

Completando o Dossiê Henri Bergson, duas instigantes traduções finalizam o percurso bergsoniano da Ideação: “Henri Bergson fala de cinema”, uma entrevista concedida pelo filósofo em 1914 ao *Le Journal*, de Paris, é traduzida aqui por José Paulo Maldonado de Souza, e Yasmin Haddad nos apresenta uma tradução para o português da obra *Do hábito*, de Félix Ravaisson, mestre e grande influência filosófica para Bergson.

Apresentado esse quadro variado de estudos sobre as ideias de Bergson, suas influências e seus influenciados, o amplo leque de tendências interpretativas que sua rica filosofia nos abre fica aqui explícito como um convite. Trazemos aqui um convite à leitura de Bergson e esperamos, enfim, que o dossiê possa de alguma maneira contribuir ainda mais para o crescente interesse pela riquíssima obra filosófica deste grande pensador francês.

Geovana da Paz Monteiro